

Althusser e o materialismo do encontro: continuidade, complementaridade ou ruptura?

CESAR MANGOLIN*

Introdução

Louis Althusser escreveu alguns textos na década de 1980 nos quais apresenta e defende uma corrente que ele mesmo chama de materialismo aleatório ou materialismo do encontro. Podemos encontrar três posições sobre a relação entre a obra desta última fase (a da década de 1980) e a obra anterior (os escritos das décadas de 1960 e 1970): a primeira é a compreensão de que ambas as fases se complementam; a segunda é aquela que percebe apenas uma continuidade, dado que a tese da última fase, segundo a qual a história é sinônimo de contingência, apareceria em toda sua obra; por fim, a terceira posição compreende que há uma ruptura entre os dois momentos, não sendo possível pensá-lo como continuidade ou complementaridade, visto que há referenciais teóricos e problemáticas distintas e, portanto, teses diferentes.

Esta última compreensão é a que pretendemos defender em nosso artigo. Para tanto, dividimos o texto em três partes: na primeira e segunda tomaremos o exemplo de dois autores cujos argumentos permitem defender, respectivamente, a perspectiva da continuidade e da complementaridade, para, na terceira parte, melhor situar nossa posição com relação à contribuição do filósofo francês e argumentar em favor da ruptura entre os dois momentos.

* Doutor em Filosofia (Unicamp), docente da Universidade Metropolitana de Santos (Unimes). E-mail: mangolin.cesar@gmail.com.

Goshgarian e a tese da continuidade

A compreensão da continuidade pode ser tomada como exemplo a partir de um pequeno artigo de G. M. Goshgarian, *Introductory Note, “Sur la genèse”* (2013). Embora não seja o objetivo do texto de Goshgarian e ele não se refira diretamente à tese da continuidade do pensamento althusseriano entre as duas fases mencionadas, ela é sugerida por sua percepção da permanência da tese do materialismo do encontro na obra anterior e posterior a 1966, ano em que Althusser escreveu *Sur la genèse 1966* [2013b], publicado somente após sua morte. Segundo Goshgarian, *Sur la genèse* sintetiza a fase inicial da teoria althusseriana do encontro, ilustrando-a com a “genealogia do capitalismo de Balibar” (Goshgarian, 2013). O texto de 1966, objeto da análise do artigo de Goshgarian, seria uma síntese do estado inicial da teoria, porque Althusser já tratava do tema desde sua primeira obra (de 1959), *Montesquieu: la politique et l’histoire* – e teria prosseguido ainda nos artigos de *Pour Marx* e de *Lire Le capital* (ambos publicados em 1965), tanto em textos de Althusser quanto na genealogia proposta por Balibar (1967, p.281-290).

Em *Sur la genèse*, Althusser cita o exemplo da transição do feudalismo ao capitalismo, na qual ocorreu a combinação – *verbindung* (que o autor traduz como “união”) – de três elementos distintos, independentes uns dos outros e também independentes da estrutura do modo de produção feudal, dos quais se podem fazer três genealogias. Os três elementos são: o capital dinheiro acumulado; os trabalhadores livres; as inovações técnicas. Essa “combinação”, ou “união”, que Althusser vai chamar de “encontro” nas obras dos anos 1980 seria resultado de dois tipos de causalidade: a estrutural e a linear.

Sem dúvida, a tese do encontro aparece no texto de 1966, assim como a compreensão de que o modo de produção capitalista não surge como um necessário desdobramento direto do modo de produção feudal. Mas, em nossa leitura, a causalidade linear e a estrutural estão bem mais próximas do desenvolvimento que Althusser dá à dialética em *Pour Marx* e ao que chamou “contradições sobredeterminadas” do que da indeterminação radical do encontro e do abandono do materialismo dialético dos textos dos anos 1980.

O mesmo serve para Balibar: a tese do encontro aparece na sua análise da transição do feudalismo ao capitalismo e na sua teoria sobre a constituição dos elementos que possibilitarão o surgimento do modo de produção capitalista: “A análise da acumulação primitiva é, no sentido estrito, a genealogia dos elementos que constituem a estrutura do modo de produção capitalista” (1967, p.285). De dois elementos fundamentais – a concentração de riqueza e a separação dos trabalhadores dos meios de produção. Cada um deles com histórias relativamente independentes (cf. Balibar, p.286). Mas nenhum deles, por si só, explica ou se desdobra no modo de produção capitalista: a expropriação e expulsão dos trabalhadores do campo apenas origina o grande proprietário de terra (cf. p.287). Não é a reprodução da estrutura própria do modo de produção feudal quem gera

a estrutura do modo de produção capitalista, mas os elementos que se formam por caminhos diversos e relativamente independentes e que se encontram. Desse processo participam diversos fatores, com efeitos desiguais sobre os variados países europeus: a expansão mercantil e o papel do capital mercantil e usurário, a colonização e seus efeitos sobre a Europa, as mudanças no campo e a intensificação da exploração dos camponeses etc.

A independência relativa e a variedade histórica dos processos de constituição do capital são reunidos por Marx em uma palavra: a constituição da estrutura é um “achado” [*trouvaille*]; o modo de produção capitalista se constitui “achando” [*trouvant*] (*vorfinden*) formados os elementos que sua estrutura combina (Formas anteriores). Esse “achado” não implica evidentemente nenhum acaso: ele significa que a formação do modo de produção capitalista é totalmente indiferente à origem e à gênese dos elementos de que ele necessita, que “acha” [*trouve*] e “combina”.

(Balibar, 1967, p.290)

A formulação de Balibar pode ser compreendida de maneira mais simples e óbvia: primeiro, para que ocorra o encontro de elementos diversos, eles devem existir; segundo, a existência de cada um deles e mesmo dos distintos processos de sua formação não significa a existência do modo de produção capitalista: este somente surge quando eles se acham (ou se encontram) e se combinam. O acaso não está na existência dos elementos independentes, mas no fato de que se encontram (e para que isso ocorra já devem existir) e produzem um novo resultado, no caso, uma nova estrutura. Mas esse encontro e seu resultado não é produto de uma indeterminação radical: é a concretização de uma possibilidade aberta historicamente pelo conjunto das contradições reunidas em uma conjuntura específica e pelo desenvolvimento das forças produtivas. O que Althusser e Balibar fazem nessa fase é colocar de lado a concepção unilinear da sucessão dos modos de produção e a teleologia idealista que a acompanha.

Mas, se constatamos a presença da tese do “encontro” nas obras dessa primeira fase, por qual razão podemos rejeitar a tese da continuidade? Por pelo menos dois motivos ligados entre si: primeiro, porque não se trata apenas da persistência de um tema, mas de teses e referenciais teóricos distintos que separam os dois momentos, como comentaremos adiante; em segundo lugar, a perspectiva da continuidade não permite analisar o corte epistemológico dos anos 1980. Serve como referência a própria crítica althusseriana sobre o corte epistemológico na obra de Marx: a tese da continuidade entre o jovem Marx e suas obras de maturidade não permite pensar nas suas duas problemáticas distintas, portanto, também em referenciais teóricos distintos. Além da transplantação de conceitos pertencentes a problemáticas distintas, a leitura das obras de maturidade à luz da obra de juventude e vice-versa leva, respectivamente, a dois equívocos: primeiro, à valorização de conceitos próprios do antropologismo juvenil, ausentes na obra de maturidade; segundo, à

tentativa de encontrar nas obras de juventude, ainda que em estado germinal, a teoria desenvolvida nas obras de maturidade. É necessário salientar que a ideia de “estado germinal” carrega consigo a perspectiva de que a obra de maturidade seja o único desdobramento possível da obra de juventude, seu resultado final. No caso de Althusser, portanto, reconhecer a tese do “encontro” em *Sur la genèse* e em outras obras da primeira fase não deve conduzir ao equívoco de tentar procurar ali, em estado germinal, a teoria desenvolvida nos textos dos anos 1980.

Maria Turchetto e a complementaridade

Encontramos a perspectiva da complementaridade em Maria Turchetto (2010). O objetivo da autora é a resposta para a pergunta que dá título ao seu artigo: “O que significa “ciência da história”?”. Seu ponto de partida é a afirmação de Althusser de que Marx teria aberto um novo continente científico: o da história.

Turchetto estabelece um diálogo entre Althusser (do texto *Filosofia e filosofia espontânea dos cientistas* [1976]) e Jacques Monod, que afirmou que a biologia torna-se ciência “quando aceita o postulado da objetividade, isto é, cessa de interpretar os fenômenos em termos de causas finais” (2010, p.80). Segundo Monod (2006, p.32), foi Darwin o responsável pela introdução do “postulado da objetividade” na biologia, “com uma operação teórica que implica subordinar a teleonomia à invariância: a teleonomia [...] é o resultado de uma certa organização da matéria cuja gênese é casual, isto é, não previsível, não dedutível *a priori*” (Turchetto, 2010, p.81). Althusser vai dividir em duas essa operação teórica que aparece apenas como uma em Monod: de um lado, a “propriedade de reprodução, isto é, a propriedade de um *sistema* (ou de uma estrutura)”; de outro, a “propriedade de criação, ou seja, *gênese* de diversas estruturas vivas [...] gênese que é casual” (2010 p.82-83).

Em relação a Monod, Althusser identifica, portanto, de modo mais perspicaz, *dois* passos fundadores da objetividade científica: em primeiro lugar, a recusa de definição que introduz *dualismos* de princípio; em segundo lugar, a recusa de explicações em termos de *causas finais*. Define a primeira como “materialismo” e a segunda como “dialética”. (Turchetto, 2010, p.83-84)

Turchetto acredita que a primeira operação teórica de Marx é tratada por Althusser particularmente nas obras dos anos 1960: “Althusser procura no *Capital* [...] a definição da ‘formação social’ como *sistema* complexo, ‘estrutura’ [...], ‘todo estruturado com dominante’” (2010, p.84). A segunda operação, à qual “Althusser dedica atenção sobretudo nos anos 1980”, é a “gênese aleatória do capitalismo [...]: encontro de processos históricos diversos que a um certo ponto ‘pegam’, determinando a emergência da capacidade de auto reprodução da relação social capitalista” (2010, p.85).

A interpretação de Maria Turchetto sugere, portanto, que a obra de Althusser é uma unidade que se complementa em dois momentos sucessivos, embora não coloque no artigo em questão a análise do referencial teórico e da problemática que orienta os dois momentos. Porém, nos textos dos anos 1980, Althusser não parece tratar de momentos distintos da sua obra que se complementam. Ao contrário, em diversos momentos deixa claro o rompimento com o referencial teórico anterior e com o materialismo dialético.

A ruptura: reflexão sobre o corte na obra de Althusser

Em *Du matérialisme aléatoire* ([1986] 2013a), Althusser sugere colocar o “materialismo aleatório” no lugar do “materialismo dialético” em nome de uma “terminologia precisa”. Não se tratava, evidentemente, apenas de uma troca de termos: em nossa compreensão há nos textos da década de 1980 o abandono não apenas da dialética, mas também do materialismo.

A luta de classes decisiva se joga hoje na ideologia e em definitivo na própria filosofia. Daí a necessidade de retificar o materialismo “dito” dialético e o definir como materialismo aleatório. A dialética positiva é por definição uma mistificação burguesa com efeito conservador e apologético. (Althusser, 2013a, p.184)

Segundo o autor, Marx reconheceu a “ambiguidade reacionária ou revolucionária da dialética” (2013a, p.184-185), mas nunca conseguiu tratar da questão porque jamais se despreendeu verdadeiramente de Hegel. Ainda no mesmo texto, Althusser afirma que toda filosofia é materialista e idealista ao mesmo tempo porque a filosofia é um campo de batalha e todos os filósofos precisam interiorizar os argumentos contrários para que possam refutá-los. Idealismo e materialismo se enfrentariam, portanto, como duas tendências não contraditórias, ainda que uma seja dominante com relação à outra. A contradição passa a ser, nesse texto, apresentada como uma noção ideológica (2013a, p.184-185).

No texto *A corrente subterrânea do materialismo do encontro* [1982], Althusser defende “um *materialismo do encontro*, portanto, do aleatório e da contingência”, que é oposto aos demais “materialismos”, inclusive aquele que é “correntemente atribuído a Marx, Engels e Lenin, o qual, como todo materialismo da tradição racionalista, é um materialismo da necessidade e da teleologia, isto é, uma forma transformada e disfarçada de idealismo” (Althusser, 2005, p.9). Afirma ainda que “apenas provisoriamente” o materialismo do encontro era materialismo: “Diremos que o materialismo do encontro só é chamado ‘materialismo’ provisoriamente para marcar fortemente sua oposição radical a qualquer idealismo da consciência, da razão seja qual for sua destinação” (2005, p.26).

Óbvio que essas observações não devem servir para lançar fora a obra do último Althusser. Pelo contrário: a introdução do “acaso” na análise marxista permite a abertura de novas possibilidades de pesquisa, por exemplo, para a teoria

da transição de um modo de produção a outro e para uma antropologia marxista. Possibilidades que permitem romper com qualquer tipo de teleologia idealista com relação ao processo histórico e também com a ideia de uma suposta essência humana (ontológica) que aguarda sua realização.

Isso quer dizer, portanto, que é possível acompanhar Althusser até certo ponto. Como sugerimos acima, Althusser, de fato, faz o que anuncia: abandona o terreno do marxismo em nome da radicalidade do encontro/desencontro. E quem ocupa o lugar do materialismo dialético no pensamento do último Althusser? Em nossa perspectiva, Althusser lança seu materialismo do encontro numa concepção caótica da realidade. Há uma diferença considerável entre o caos e o casual: caótica é a situação em que não há possibilidade de apreensão da realidade no plano teórico. No plano da prática política, igualmente, o caótico reflete a indeterminação radical de qualquer processo, não permitindo, portanto, pensar as possibilidades abertas, a contingência, mas afirmar apenas a radicalidade do desconhecimento dos resultados derivados apenas de encontros que são possíveis na mesma medida em que não são. Isso significa, em nossa compreensão, que Althusser, ao combater de frente os traços do que chama de materialismo da necessidade, de corte racionalista, acaba por cair no irracionalismo ou, arriscando um tanto mais, no relativismo teórico próprio de correntes que se intitulam pós-modernas.

Objetivamente, no que se refere à transição do feudalismo ao capitalismo, os elementos que se encontram possuem uma dada ligação causal: a conjuntura que marca a expansão mercantil, as transformações e crises da ordem feudal e a decorrente centralização política na Europa. Que o encontro de elementos derivados dessa conjuntura – a acumulação de capital, a massa de trabalhadores expulsos das terras e certo nível de desenvolvimento tecnológico – não era a finalidade da existência de cada um deles e que, uma vez produzidos, poderiam ou não se encontrar, não há dúvida. Mas falta nesses textos de Althusser explicar o que cria a possibilidade do encontro e possibilita que ele “pegue”. Em nossa opinião, o desenvolvimento das forças produtivas abre possibilidades. O resultado depende da contradição fundamental entre as forças produtivas e as relações sociais de produção, mas que se expressa através de contradições derivadas diversas, contradições secundárias, interferências externas que agem numa dada conjuntura e, fundamentalmente, da luta de classes. Nesse sentido, novamente, as contradições sobredeterminadas (de *Pour Marx*, 1967) e não o “império da desordem” (cf. 2005) explicam melhor o processo.

O próprio Althusser fornece pistas para se compreender por que o encontro dos elementos que dão origem ao modo de produção capitalista não ocorre nos séculos XIII e XIV a partir dos Estados italianos. Ele fala da ausência de um elemento (como um mercado interno), ou da disposição dos elementos (cf. 2005, p.32-34). Bem antes dele e falando de outro período da história, Marx, na *Carta ao diretor de Otechéstvennie Zapiski*, lembra que em Roma ocorreu, de um lado, a expropriação dos camponeses e sua separação dos meios de produção e,

de outro, a formação de uma classe de grandes proprietários de terra e do capital financeiro, portanto, “por um lado, havia homens livres despojados de tudo, a exceção de sua força de trabalho, e por outro, para que explorassem este trabalho, os que possuíam toda a riqueza adquirida” (Marx, 2015). Desse encontro não surgiu o modo de produção capitalista, mas uma massa de desocupados e o modo de produção escravista. Daí a conclusão que a presença de alguns elementos, ainda que fundamentais, mas que ocorrem “em meios históricos diferentes, conduzem a resultados totalmente distintos”.

Estudando separadamente cada uma dessas formas de evolução e as comparando é possível encontrar facilmente a chave desse fenômeno, mas nunca se chegará a tanto através do passaporte universal de uma teoria histórico-filosófica geral cuja suprema virtude consiste em ser supra histórica. (ibid.)

Para que ocorresse o encontro fundamental que dá origem ao modo de produção capitalista também foi necessária a reunião de uma série de outras condições que tornava possível esse resultado. Em Roma o resultado foi a plebe desocupada e o escravismo, porque ali havia outro conjunto de condições históricas, geográficas, econômicas, políticas e ideológicas. São as condições que acabam se reunindo na Inglaterra, como diz Marx, ainda que os demais países da Europa Ocidental seguissem o mesmo caminho (cf. ibid.). Essas condições estão expostas por Marx em *O capital* em capítulos diversos e não apenas no capítulo XXIV, em que trata da acumulação primitiva: há o papel do capital usurário e do capital comercial, a expansão mercantil, a descoberta do continente americano, a escravidão colonial e os metais preciosos, o tráfico de africanos escravizados, a exploração das Índias Orientais, as transformações da ordem feudal, a reforma protestante e a privatização dos bens e das terras da Igreja, além da maneira como os efeitos desses eventos todos se encontram, se metamorfoseiam e transformam as realidades locais, entrando em conflito com as classes existentes, gerando novos grupos de interesse, como são bloqueados, liberados, transformados por questões culturais e ideológicas etc.

A Inglaterra acabou por gerar as condições propícias para o desenvolvimento do modo de produção capitalista porque reuniu, a partir dessas transformações e de contradições (as gerais e as especificamente inglesas), a unidade que tornava possível tal desenvolvimento, mesmo que ele não tenha sido planejado e seja, como bem demonstraram Robert Brenner (2016) e Ellen Woods (2000), resultado derivado das relações desenvolvidas no campo, com a concentração de terras e a presença de grandes proprietários e de arrendatários que se viram obrigados a ampliar sua capacidade produtiva para manter os contratos de arrendamento, tendo à disposição um mercado nacional recém-constituído. Num certo momento, inclusive, encontravam-se beneficiados pela desvalorização da moeda e a conseqüente elevação dos preços, enquanto seus contratos, de longo prazo, eram mantidos pelos valores anteriores.

As distintas condições (as reunidas na Inglaterra e as que ocorrem no mesmo período em outros países e regiões – exemplo: a França; o leste europeu) foram resultado de processos históricos que deram origem a diferentes “estruturas de classe” (Brenner, 2016, p.10), derivadas do processo de trabalho e da maneira como ocorria a extração de excedente. As diferentes estruturas e a correlação de forças entre as classes (as fundamentais – nobreza e camponeses – e seus possíveis aliados, além da relação com o Estado) determinaram resultados também distintos diante de condições similares: o reforçamento do feudalismo ou sua dissolução (cf. Brenner, 2016, p.30-36).

Tudo isso não precisava e não estava predestinado a desembocar no modo de produção capitalista, mas é qualitativamente diferente e explica, retrospectivamente, porque o encontro que pegou no século XVIII na Inglaterra não pegou nos séculos XIII e XIV nos Estados italianos, ainda que alguns elementos sejam semelhantes.

Há, em nossa opinião, uma ruptura, ou um corte, entre a obra althusseriana anterior e posterior ao materialismo do encontro. Descartar a continuidade ou a complementaridade não deve, porém, lançar fora as instigantes possibilidades de pesquisa dentro do campo do marxismo deixadas pelos últimos escritos de Althusser.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. A corrente subterrânea do materialismo do encontro. *Crítica Marxista*, Rio de Janeiro, Revan, n.20, 2005, p.9-48.
- _____. *Du matérialisme aléatoire*. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-multitudes-2005-2-page-179.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2013a.
- _____. *Sur la gènese*. Disponível em: <<http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss2/9>>. Acesso em: 28 jan. 2013b.
- _____. *Montesquieu: la politique et l'histoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.
- _____. *Pour Marx*. 4.ed. Paris: François Maspero, 1967.
- ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne; ESTABLET, Roger. *Lire le capital – tome II*. 3.ed. Paris: François Maspero, 1967.
- BALIBAR, Étienne. Sur les concepts fondamentaux du materialisme historique. In: ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne; ESTABLET, Roger. *Lire le capital – tome II*. 3.ed. Paris: François Maspero, 1967.
- BRENNER, Robert. *Agrarian Class Structure and Economic Development in Pre Industrial Europe*. Disponível em: <<http://attach3.bdwm.net/attach/boards/LegalChina/M.1285126485.A/the%20brenner%20debate%2010-63.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2016.
- GOSHGARIAN, G. M. *Introductory Note, “Sur la gènese”*. Disponível em: <<http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss2/8>>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- MARX, Karl. *Carta ao diretor da revista russa Otiechéstvennie Zapiski – Novembro de 1877*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/11/revista.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

TURCHETTO, Maria. O que significa “ciência da história”? In: NAVES, Márcio Bilharinho. *Presença de Althusser*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

WOOD, Ellen. Origens agrárias do capitalismo. *Crítica Marxista*, Rio de Janeiro, Revan, n.10, 2000, p.12-29.

Resumo

O texto pretende discutir brevemente a relação – de continuidade, complementaridade ou ruptura – existente entre a obra de Althusser antes e depois do desenvolvimento do materialismo aleatório ou materialismo do encontro. Para tanto, tomamos dois exemplos que sugerem as duas primeiras posições para, em seguida, argumentar em favor da perspectiva de ruptura entre uma e outra fase.

Palavras-chave: Althusser; materialismo do encontro; materialismo aleatório; Marxismo.

Abstract

The text intends to discuss briefly the relation – of continuity, complementarity or rupture – existing between the work of Althusser before and after the development of Aleatory Materialism or Materialism of the Encounter. For this purpose, we take two examples that suggest the top two positions, and then argue in favor of the prospect of rupture between each phase.

Keywords: Althusser; materialism of the encounter; aleatory materialism; marxism.